

VOCAÇÃO E MISSÃO DO CATEQUISTA

ROCHA, Douglas Diego Palmeira

1. VOCAÇÃO, CONCEITUALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Nossos primeiros passos diante de tal discussão devem perpassar o que vem a ser, de fato, vocação. Este vocábulo funda suas raízes nos verbos latinos *vocare* (“chamar”) e *vocatio* (“eleger”, “escolher”). Dessa forma, podemos conceituar vocação não apenas como uma aptidão natural para executar algo, mas como uma inclinação para exercer um determinado trabalho ou missão, como o chamado que brota do mais íntimo do ser humano, onde ressoa a voz de Deus. Portanto, vocação tem uma dimensão essencialmente espiritual.

Sendo esta um chamado de Deus, reafirma-se em nós a nossa fé, na certeza de que nosso Deus é um Deus que fala, que escolhe e chama pessoas ao serviço, à missões concretas e determinadas.

Ao percorrer-mos pela História da Salvação, iniciando pelo Primeiro Testamento, vemos que desde sempre Deus chama homens e mulheres para o seu serviço. Ao debruçarmo-nos sobre as Sagradas Escrituras, vemos que Deus elege Israel em seu amor (Dt 7,6-8; Is 49,1-6); que chama Abraão e o faz nosso pai na fé (Gn. 12,1-4); a Moisés, convoca a libertar seu povo sofrido (Ex 3,7-10); a Samuel, o chamado se dá no silêncio da intimidade (1Sm 3,1-10) e a Davi, rei de Israel, Deus faz o chamado que quebra com as barreiras do aparençalismo e manifesta sua predileção pelos pequenos (1Sm 16,1-13). O Senhor chamou também pessoas para a específica vocação de anunciar sua Palavra e denunciar os pecados de seu povo: Isaías (Is 6,1-8), Jeremias (Jr 1,4-10), Ezequiel (Ez 2,8-3,4), Jonas (Jn 1,1-3,10), e tantos outros.

Também no pleno cumprimento da lei e dos profetas (Mt 5,17), na plenitude dos tempos, quando Deus nos fala pelo seu próprio Filho (Hb 1,1-2), encontramos outros tantos vocacionados que apontam para o Cristo Jesus. A primeira de todos os chamados do Segundo Testamento é a Virgem Maria (Lc 1,26-38), seguida de João Batista, chamado a ser o precursor (Jo 1,6-7.17-28). Cada um dos apóstolos também teve seu encontro com o Messias e iniciaram sua vocação. Primeiro, Jesus chama doze para o seu seguimento e já lhes deixa entrever sua missão: “farei de vocês pescadores de homens” (Mc. 1,16-20), depois os congrega no grande número dos 72 enviados a anunciar a Boa Notícia (Lc 10,1-20), e, mesmo após sua morte, entra em cena o apóstolo Paulo, que ao ter sua experiência pessoal com o ressuscitado para anunciá-lo (At 9,1-30).

Todavia, não esqueçamo-nos do primordial para a abordagem com o presente artigo, meditarmos acerca da vocação do catequista. Assim, aprofundemos nossa reflexão.

2. CARACTERÍSTICAS E DESDOBRAMENTOS DA VOCAÇÃO DO CATEQUISTA

Ser catequista é um chamado da parte de Deus para uma missão. Sentir-se chamado a ser catequista e a receber da Igreja a missão para fazê-lo pode adquirir, de fato, diversos graus de dedicação, segundo as características de cada um. Há muitas formas de exercer o ministério catequético, mas independente delas, o catequista deve se esforçar para desenvolver em si as seguintes características: 1º) Ser: Sou chamado a servir; 2º) Saber: Sou discípulo e devo aprender com Jesus; 3º) Fazer: Sou enviado pela Igreja, em missão; 4º) Conviver: Devo formar comunidade fraterna.

O “ser catequista” é um chamado que exige o compromisso do trabalho de construção do Reino. Um chamado a sair de si e ir ao encontro do outro, fazendo-o se encantar por Jesus Cristo e sua proposta de vida plena. Como nos recorda o Documento de Aparecida: “conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça; transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher” (DA 18). Ou, em outras palavras, para ser catequista é preciso olhar o mundo “com os mesmos olhos com que Jesus contemplava a sociedade de seu tempo” (DGC 16).

De acordo com o Diretório Geral da Catequese:

Além da vocação comum ao apostolado, alguns leigos sentem-se chamados interiormente por Deus, a assumirem a tarefa de catequistas. A Igreja suscita e distingue esta vocação divina, e confere a missão de catequizar. Dessa forma, o Senhor Jesus convida homens e mulheres, de uma maneira especial, a segui-Lo, mestre e formador dos discípulos. Este chamado pessoal de Jesus Cristo e a relação com Ele são o verdadeiro motor da ação do catequista. É deste conhecimento amoroso de Cristo que jorra o desejo de anuncia-Lo, de “evangelizar”, e de levar outros ao “sim” da fé em Jesus Cristo. (DGC 231)

O Diretório Nacional de Catequese (DNC 242), por sua vez nos diz:

São milhares de mulheres, homens, jovens, anciãos e até adolescentes que descobrem, na experiência de fé e na inserção na comunidade, a vocação de catequista. Exercem essa missão com esmero, com doação e amor à Igreja. Assim, “dedicam-se de modo especial ao serviço da Palavra, tornando-se porta-vozes da experiência cristã de toda comunidade” (CR 144; DNC 147).

O mesmo documento (DNC 173) ainda aponta:

A vocação do catequista é a realização da sua vida batismal e crismal, na qual, mergulhado em Jesus Cristo, participa da missão profética: proclamar o Reino de Deus. Integrado na comunidade eclesial e enviado por ela, conhece a sua realidade e aspirações, sabe utilizar a pedagogia adequada, animar e coordenar com a participação de todos.

Antes de ser cristão, o catequista é pessoa humana, e o chamado por Deus feito a ele dá-se por meio de acontecimentos e pessoas, através de uma mediação. Assim, sua vocação deve estar a serviço da vida e da promoção da dignidade do outro.

A partir daí, desdobram-se as decorrentes características da identidade fundante do catequista. A primeira é a de ser profeta, ou seja, um anunciador, um semeador da Palavra. A outra é a de cultivador de uma autêntica espiritualidade, ainda que o medo faça-se um grande obstáculo à vivência de sua maturidade cristã. Mas, acima de tudo, a vocação do catequista o lança ao serviço, à entrega total de sua vida e experiência de fé na comunidade cristã.

A esse respeito, buscamos a síntese expressa no discurso de Sua Santidade, o Papa Francisco, durante o Congresso Internacional de Catequese, ocorrido de 26 a 28 de setembro no Vaticano, quando disse que:

Ser catequista, essa é a vocação; não trabalhar como catequista. Vejam bem, não disse 'trabalhar como catequista, mas sê-lo', porque envolve a vida. E assim se conduz ao encontro com Jesus com as palavras e com a vida, com o testemunho.

[...] Quando permanecemos fechados em nossos esquemas, nossos grupos, nossas paróquias, nossos movimentos ocorre o que acontece a uma pessoa fechada em seu quarto: adoecemos.

Mais à frente, evidencia-se um desdobramento da vivência do chamado ao ser catequista, segundo cinco grandes aspectos: o encontro pessoal com Jesus Cristo, o cultivo e experiência de sua espiritualidade, o anúncio da Palavra, a vivência na comunidade e testemunho para o mundo, e, por fim, o comprometimento da missão catequética.

3. O ENCONTRO PESSOAL COM JESUS CRISTO

Recordemos as palavras de Sua Santidade, nosso Papa Emérito Bento XVI, quando em 2005, em sua primeira encíclica *Deus caritas est*, nos explicava que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”. (DCE 1).

A Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para os anos de 2011 a 2015 iluminam e alinham o projeto vocacional para cada catequista: “Evangelizar a partir de Jesus Cristo”:

Toda ação eclesial brota de Jesus Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai. Jesus Cristo é nossa razão de ser, origem de nosso agir, motivo de nosso pensar e sentir. Nele, com Ele e a partir d’Ele mergulhamos no mistério trinitário, construindo nossa vida pessoal e comunitária. Nisto se manifesta nosso discipulado missionário: contemplamos Jesus Cristo presente e atuante em meio à realidade, à Sua luz a compreendemos e com ela nos relacionamos, no firme desejo de que nosso olhar, ser e agir, sejam reflexos do seguimento, cada vez mais fiel, ao Senhor Jesus. (DGAE 4)

Também o Diretório Nacional da Catequese (DNC 261) ainda recorda-nos:

O perfil do catequista é um ideal a ser conquistado, olhando para Jesus, modelo de Mestre, de servidor e de catequista. Sendo fiel a esse modelo, é importante desenvolver as diversas dimensões: ser, saber, saber fazer em comunidade (cf. DGC 238ss).

O Documento de Aparecida insiste por volta de 50 vezes na necessidade de um encontro pessoal e comunitário com o Cristo, e este encontro é o fundamento de toda vocação, sobretudo a de ser porta-voz da Boa Notícia da Salvação, no ministério da Catequese. Assim, no “processo de formação de discípulos missionários”, um dos elementos iniciais e decisivos é o próprio Encontro com Jesus Cristo, que por isso deve “renovar-se constantemente” (cf. DA 278a; 21; 289; 290). De fato, fazendo eco às palavras do Papa Bento XVI, a Conferência de Aparecida sublinha que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DA 12 e 243).

Continua o Documento, ao dizer que “conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor presente que ocorreu em nossas vidas...” (DA 29; cf. 95). “Ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo seu Filho, Salvador do mundo” (DA 28).

Assim, podemos concluir que “o encontro com o Ressuscitado transforma o medo em coragem; a fuga em empolgação; o retorno em nova iniciativa; o egoísmo em partilha e compromisso até a entrega da vida” (Texto Base do Ano Catequético Nacional 2009, n. 3).

4. O CULTIVO DA ESPIRITUALIDADE

A espiritualidade tem muito a ver com o sentido que damos à vida, aos fatos e acontecimentos. O termo espiritualidade tem seu radical na palavra “espírito”, ou seja, uma força que envolve todo o ser da pessoa. Assim, espiritualidade é justamente o nosso modo de perceber o “espírito” do que acontece à nossa volta. E cultivar tal espiritualidade nada mais é do que fazer de sua vida a profissão do profeta Jeremias, “Seduziste-me, Senhor, e deixei-me seduzir” (Jr 20,7-13).

Já dizia o poeta Exupéry, no Pequeno Príncipe: “só se vê bem com o coração: o essencial é invisível aos olhos”. Pois bem, a espiritualidade consiste em olhar o mundo com os olhos do coração, com os olhos de Jesus, reflexo de seu seguimento. É ver como Jesus e manter uma relação de proximidade com ele: “estar com Jesus”. É a viva experiência descrita na parábola da videira: “permaneei em mim” (Jo 15,4).

A espiritualidade do catequista precisa ter em vista os seguintes aspectos: Precisa primeiramente ser uma espiritualidade **trinitária**, ou seja, que baseie-se na experiência do Deus Uno e Trino, Comunidade de Amor (cf. DA 240). Faz-se necessário também que esta seja **bíblica**, que tenha a Palavra de Deus como alimento e fundamento de sua vocação catequética (cf. CIC 131, DV 21, DA 179). Outro aspecto de suma importância é que sua mística seja **eclesial-litúrgica**, acolhida e vivida dentro do seio do mistério da Igreja, participando dos Sacramentos, da Liturgia, sendo Igreja, sendo fermento na massa, sendo parte do povo de Deus (cf. CIC 1123). Também espiritualidade **eucarística**, que tem no Sacrifício Pascal da Eucaristia o cume, ápice e centro de sua vida e ministério (cf. CIC 1374). Espiritualidade **vivencial**, experimentando e anunciando a experiência de Deus que age, não de forma abstrata, mas atuante, vivo e verdadeiro (cf. CR 36-49). Espiritualidade **libertadora**, capaz de leva-lo a revelar a Boa Notícia que liberta de toda opressão (Lc 4,18-21). Por fim, espiritualidade **alegre e esperançosa**, que o ajuda a anunciar na alegria, na esperança, sem desistir, vivendo o que experimentou (DA 145).

Desta forma poderemos fazer valer as palavras da Igreja:

A espiritualidade dá um sentido à missão, mas ela precisa ser alimentada pela leitura orante da Bíblia, pela oração pessoal e comunitária e pela vida sacramental. A espiritualidade ajuda a valorizar a dignidade da pessoa humana, a formar a comunidade e a construir uma sociedade fraterna e justa (Texto Base do Ano Catequético, n. 90).

5. O ANÚNCIO DA PALAVRA

Meditarmos sobre a vocação do catequista implica em recordarmos também a vocação e missão da Igreja, da qual cada catequista é porta-voz. A Igreja “existe para evangelizar”, isto é, para anunciar a Boa Notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo (cf. EN 14), dando cumprimento à Palavra do Senhor: “Quem vos ouve, a Mim ouve” (Lc 10,16).

Dessa forma, o catequista “é, de certo modo, o intérprete da Igreja junto aos catequizandos” (DCG 35), e este exercício de sua vocação, de seu chamado, desemboca na preocupação de bem evangelizar, de transmitir com responsabilidade e comprometimento a Palavra que não é dele, mas de Deus. “A grande preocupação existe na maneira de narrar, para que aquele que catequiza, quem quer que seja, o faça com alegria: tanto mais agradável será a narração, quanto mais puder alegrar-se o catequista” (Santo Agostinho: Instrução dos catecúmenos).

Cada catequista é, portanto, um profeta, pois faz ecoar a Palavra de Deus na comunidade, tornando-a compreensível (DNC 27). "Quando catequiza, [o catequista] o faz em nome de Deus e da comunidade profética, em comunhão com os pastores da Igreja" (CR 146; cf. DP 994-995). A dimensão catequética ressoa no catequista, e a catequese, como a liturgia e toda a ação pastoral, é ação de Cristo e da Igreja, assistido pelo Espírito Santo, através de seu o ministério do catequista (cf. DNC 142).

Ao testemunho, segue-se a "proclamação viva da Palavra e a orientação para a vivência comunitária da fé" (cf. EN 41-42) e o catequista faz-se uma testemunha silenciosa, imagem viva e ativa da vida cristã, sendo igualmente atleta da Palavra de Deus; e como atleta da Palavra, exige-se constante preparação, tanto ao que diz respeito ao conteúdo, quanto ao que diz respeito aos métodos, pedagogia etc. (Cf. DNC, Cap. VII. 3).

É fato que "a fonte na qual a catequese busca a sua mensagem é a Palavra de Deus." (DNC 106) e que a catequese "faz parte do ministério da Palavra" (CR, n. 72; DNC, n. 245), por isso cada um de nós, catequistas temos que ter este desejo: "proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo. (...) portadores de boas novas para a humanidade, não profetas de desventuras" (DA 30).

6. A VIVÊNCIA NA COMUNIDADE

Por mais profunda que seja a vivência particular de sua espiritualidade, nenhum catequista existe apenas para si, mas para as outras pessoas e para Deus; vivemos a dinâmica da "comunidade como rede de comunides" (cf. DGAE 2011-2015), onde todos são protagonistas do processo da ação evangelizadora. Assim, catequista vocacionado é catequista imerso na comunidade, atuante no meio do povo, participe da Ceia do Senhor e dos passos da missão. Ser catequista, reflexo de um encontro pessoal com o Ressuscitado e do cultivo de uma autêntica espiritualidade supõe enxergar em cada irmão e irmã o rosto de seu Senhor, prevê "sair de si, quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha em nosso eu" (Dom Helder Câmara) e enxergar os "novos rostos dos pobres" (DA 402).

"as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os discípulos missionários a maior compromisso a favor da cultura da vida". (DA 358)

Em suma, a vivência na comunidade significa ofertar sua vocação, sua vida e seus dons em favor da comunidade, ofertar os frutos de seu encontro pessoal e mística com todos e todas que necessitam – ainda que não o tenham percebido – ouvir a Palavra da Vida.

Para tanto, catequista que vive sua vocação deve ser catequista que dá testemunho, que fala mais com as obras e com a vivência do que com os lábios. Costumamos repetir que "palavras comovem e testemunhos arrastam". Da mesma forma cada catequista deve fazer-se pescador de homens (cf. Lc 5,10) e convidar outros tantos: "Venham trabalhar na vinha do Senhor!" (Mt 20,4).

Acerca desta vivência, diz o Diretório Nacional de Catequese:

"O fruto da evangelização e da catequese é fazer discípulos, acolher a Palavra, aceitar Deus na própria vida, como dom da fé. O seguimento de Jesus Cristo realiza-se na comunidade fraterna. O discipulado, como aprofundamento do seguimento, implica renúncia a tudo o que se opõe ao projeto de Deus" (DNC 34).

Também as Diretrizes Gerais para nossa ação evangelizadora enfatizam:

O discípulo missionário sabe que não exerce esta sublime missão isoladamente. Ao contrário, ele a exerce na Igreja, grande comunidade de todos os discípulos missionários, novo povo de Deus, conclamado para reunir-se na fraternidade, acolher a Palavra, celebrar os sacramentos e sair em missão, no testemunho, na solidariedade e no claro anúncio da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo. Mesmo quando se encontra sozinho, em meio a quem não se compromete com os valores do Reino de Deus, o discípulo missionário está unido a toda a Igreja. Sabe que, no mistério do Deus-Comunhão, ele será sempre um irmão entre irmãos. (DGAE 13)

Comunidade implica necessariamente convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores. Um dos maiores desafios os consiste em iluminar, com a Boa Nova, as experiências nos ambientes marcados por aguda urbanização, para os quais vizinhança geográfica não significa necessariamente convívio, afinidade e solidariedade. (DGAE 59)

7. VOCAÇÃO E MISSÃO, CHAMADO E SERVIÇO: REALIDADES INSEPARÁVEIS

Ainda parafraseando os bispos da América Latina no Documento de Aparecida: "todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula como amigo e irmão" (DA 144). E também nossos bispos aqui do Brasil: "Quem se apaixona por Jesus Cristo deve igualmente transbordar Jesus Cristo, no testemunho e no anúncio explícito de sua Pessoa e Mensagem". (DGAE 30). Afinal, "a Igreja é indispensavelmente missionária" (DA 347).

Isso implica que nossa atividade catequética não deve restringir-se a encontros fechados dentro de quatro paredes; não somos catequistas apenas diante de nossas crianças, por poucas horas. Não! Somos semeadores da palavra, enviados em missão permanente, em todas as esferas de nossa vida. Todos nós, membros da Igreja, sobretudo catequistas, somos convocados a "gritar o Evangelho com a vida" (Pe. Charles de Foucauld). Ouçamos nossos bispos:

Em toda a sua história, a Igreja nunca deixou de ser missionária. Em cada tempo e lugar, esta missão assume perspectivas distintas, nunca, porém, deixa de acontecer. (DGAE 30)

Neste redescobrir missionário, emerge, em primeiro lugar, o papel de cada pessoa batizada em todos os lugares e situações em que se encontrar. Trata-se do testemunho pessoal, base sobre a qual o explícito anúncio haverá de ser construído (cf. EN 21). (DGAE 33)

Contemplando os diversos rostos de sofrimento, desta Terra de Santa Cruz, especialmente, os "novos rostos dos pobres" o discípulo missionário enxerga, em cada um, o rosto de seu Senhor: chagado, destruído, flagelado (Is 52,13ss). Seu amor por Jesus Cristo e Cristo Crucificado (1Cor 1,23-25) leva-o a buscar o Mestre em meio às situações de morte (cf. Mt 25,31-46). Leva-o a não aceitar tais situações de morte, sejam elas quais forem, envolvendo-se na preservação da vida. O discípulo missionário não se cala diante da vida impedida de nascer seja por decisão individual, seja pela legalização e despenalização do aborto. Não se cala igualmente diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé. Torna-se, deste modo, alguém que sonha e se compromete com um mundo onde seja, efetivamente, reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir a vocação, crer e manifestar sua fé, num mundo onde o perdão seja a regra; a reconciliação, meta de todos; a tolerância e respeito, condição de felicidade; a gratuidade, vitória sobre a ambição. O discípulo missionário reconhece que seu sonho por vida eterna leva-o a ser, já nesta vida, parceiro da vida e vida em plenitude. Daí "ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres", "implícita à fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza". e que deverá "atravessar todas as suas estruturas e prioridades pastorais"⁸⁸ manifestando-se "em opções e gestos concretos". (DGAE 69)

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. **Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CNBB. **3ª Semana Brasileira de Catequese: Iniciação à Vida Cristã**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CNBB. **Catequese, caminho para o discipulado: Texto-base para o Ano Catequético Nacional**. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CNBB. **Catequese Renovada**. São Paulo: Paulinas, 1983.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 2011-2015**. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CNBB. **Diretório Nacional da Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CELAM. **Documento de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Catecismo da Igreja Católica**. Loyola: São Paulo, 2001.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a catequese**. Paulinas: São Paulo, 1998.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA. **Dei Verbum**. Paulinas: São Paulo, 1989.

DIOCESE DE OSASCO. **Espiritualidade do Catequista**. São Paulo: Paulus, 2001.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. Paulinas: São Paulo, 1990.

REFERÊNCIAS ON-LINE

CBV. **A vocação do catequista**. Disponível em: <http://catequistabr.dominiotemporario.com/doc/CBV-CATEQUISTA-01-PESSOA-E-VOCACAO-DIO-pa.pdf>. Acessado em 21 de janeiro de 2014.

CBV. **A espiritualidade do catequista**. Disponível em: <http://catequistabr.dominiotemporario.com/doc/CBV-CATEQUISTA-FORMACAO-DIO-PA-03.pdf>. Acessado em 22 de janeiro de 2014.

CNBB. **Papa lembra que ser catequista é uma vocação**. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/comissoes-episcopais/biblico-catequetica/12926-em-congresso-internacional-papa-lembra-que-ser-catequista-e-uma-vocacao>. Acessado em 21 de janeiro de 2014.

BARBOSA. Pe. Almerindo da Silveira. **Vocação do catequista**. Disponível em: <http://www.catequesehoje.org.br/index.php/raizes/catequista/58-vocacao-catequista>. Acessado em 21 de janeiro de 2014.